



Lição 03

Paulo e sua chamada

20 de Julho de 2025

3º TRIMESTRE 2025

JOVENS

Murilo Alencar

Esboço Da Lição 03

Do 3º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A LIBERDADE EM CRISTO
Vivendo o Verdadeiro Evangelho conforme a Carta aos Gálatas

Domingo, 20 de julho de 2025

PAULO E SUA CHAMADA

INTRODUÇÃO

Nesta lição, vamos conhecer o testemunho surpreendente de um homem que passou de perseguidor a proclamador do Evangelho. Paulo, antes conhecido como Saulo, era temido pelos cristãos, mas foi alcançado pela graça de Deus de forma poderosa. Seu passado sombrio não o impediu de ser chamado, transformado e comissionado por Cristo. Ele não recebeu o Evangelho de homens, mas diretamente de Jesus, e sua vida se tornou prova viva do poder que salva e transforma. Hoje, aprenderemos que ninguém está fora do alcance da graça e que Deus pode usar até o mais improvável para Sua glória.

TEXTO ÁUREO

E louvavam a Deus por minha causa. (Gl 1.24 NTLH).

No capítulo 1 da carta aos Gálatas, Paulo relata como sua conversão, apostolado e evangelho não tiveram origem humana, mas foram uma obra direta e soberana da graça de Deus (cf. Gl 1.11–12). O mesmo homem que perseguia com fúria a igreja de Cristo (v. 13), agora prega a fé que antes combatia (v. 23). E a resposta da igreja a essa transformação foi: "glorificavam a Deus a meu respeito" (v. 24).

Ao longo da história da igreja houve muitas conversões dramáticas e improváveis. Podemos citar algumas:

1. Agostinho de Hipona (século IV). Antes de se tornar um dos maiores teólogos da igreja, Agostinho vivia mergulhado em promiscuidade sexual e busca desenfreada por prazeres mundanos. Sua mãe, Mônica, orava por ele incessantemente. Sua conversão foi um marco. Seu livro *Confissões* conta um pouco dessa história.
2. John Newton (século XVIII). Capitão de navio negreiro, violento e blasfemo, Newton foi dramaticamente salvo durante uma tempestade no mar. Tornou-se pastor e autor do hino "Amazing Grace" (*Maravilhosa Graça*), que até hoje é cantado como um tributo ao poder transformador do evangelho.
3. Nicky Cruz (século XX). Ex-líder de gangue em Nova York, envolvido com violência e drogas, odiava cristãos. Foi evangelizado por David Wilkerson. Quando se converteu, igrejas inteiras glorificaram a Deus. Sua história impactou milhões de pessoas e foi registrada no livro *A Cruz e o Punhal*.

Você conhece alguém que, quando se converteu, fez você dizer: “Eu nunca imaginei que essa pessoa aceitaria Jesus”?

Paulo era assim. Um terrorista religioso. Um perseguidor. Um caso perdido aos olhos humanos. Mas Deus não vê como o homem vê. A graça não tem barreiras.

VERDADE PRÁTICA

Paulo conta um pouco da sua história para defender seu ministério e mostrar que a mensagem que pregava não era estranha aos apóstolos de Jerusalém.

No início de sua carta aos Gálatas, Paulo faz algo intencional: ele narra sua história de conversão e chamado ministerial, não para autopromoção, mas com fins apologéticos e doutrinários, visando defender a autenticidade do evangelho que pregava e a autoridade apostólica recebida diretamente de Cristo.

Note os propósitos:

1. Confirmar que seu apostolado era de origem divina (Gl 1.1; 1.15–16);
2. Demonstrar independência dos apóstolos em Jerusalém (Gl 1.16–20);
3. Testemunhar a transformação radical operada pela graça (Gl 1.23);
4. Mostrar que sua mensagem era reconhecida e aceita pelos líderes da igreja (Gl 2.1–10).

Devemos ter cuidado com a forma que contamos o nosso testemunho. Portanto, segue-se algumas observações necessárias:

1. Não colocar a luz sobre si mesmo, mas sobre Cristo. O testemunho não é um palco para destacar o “pecador terrível que você era”, mas sim o “Salvador glorioso que te alcançou”. Quando o foco está demais em nós, o Cristo da cruz desaparece.
2. Evitar o “saudosismo” ou o “tristemunho”. Alguns relatos soam como uma recordação entusiasmada da vida pecaminosa passada, quase como se tivesse saudade daquela época. Devemos ter cuidado com descrições desnecessárias, exageros ou detalhes impróprios.
3. Não abusar dessa prática. A pregação bíblica é prioritária. O testemunho pessoal pode confirmar e ilustrar o evangelho, mas nunca o substituir. Paulo usava seu testemunho com propósito e equilíbrio. Depois disso, ele mergulhava na exposição bíblica e doutrinária.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

1. O EVANGELHO DE PAULO

1.1 Paulo faz sua defesa.

A LIÇÃO DIZ: *A história de vida de uma pessoa tem importância. De onde ela veio, o que aconteceu na sua vida, que adversidades enfrentou e que tipo de acontecimentos moldaram o que a pessoa é hoje podem nos servir de exemplo. Paulo se preocupa em estabelecer as suas credenciais narrando um pouco a sua história, mas por um motivo nobre. Paulo não conta a sua história para impressionar os gálatas. Ele não faz com o objetivo de comover os seus leitores, e sim para mostrar que ele tinha autoridade para pregar e defender o Evangelho aos gentios.*

Vamos a leitura do texto bíblico:

Mas informo a vocês, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é mensagem humana, porque eu não o recebi de ser humano algum, nem me foi ensinado, mas eu o recebi mediante revelação de Jesus Cristo. (Gl 1.11,12 NAA).

“Mas informo a vocês”: a expressão traduz uma forma do verbo grego *gnōrizō* (pronuncia aproximada: "gnô-rí-dzo"), um termo forte que significa “tornar conhecido com certeza”, ou “certificar”. Esse verbo era frequentemente utilizado, como neste caso, para introduzir uma declaração importante e enfática que viria em seguida. Em um português coloquial, a frase poderia ser traduzida como: “Deixe-me deixar isso bem claro”.

“o evangelho por mim anunciado”, disse Paulo, “não é humano, nem em sua natureza, nem em sua autoridade. Eu não o inventei, nem o alterei, tampouco recebi de algum outro homem. Sua mensagem é completamente de origem divina, sem qualquer mistura com sabedoria humana.”

Por isso, o evangelho de Paulo é o padrão pelo qual todas as falsas teorias humanas sobre salvação são medidas e condenadas.

Se Paulo tivesse proclamado um evangelho “conforme o homem”, esse evangelho teria sido permeado pela justiça das obras como ocorre em todo sistema religioso concebido humanamente (catolicismo, mormonismo, espiritismo, testemunhas de Jeová, etc). O orgulho pecaminoso do ser humano se ofende com a ideia de que apenas a misericórdia e a graça de Deus podem salvá-lo do pecado, e por isso insiste em ter um papel ativo na sua própria salvação. O simples fato de que Paulo pregava uma mensagem de salvação em que as obras não desempenhavam absolutamente nenhum papel já era evidência de que sua mensagem vinha de Deus, e não do homem.

“porque eu não o recebi de ser humano algum, nem me foi ensinado”.

Essa afirmação visava diretamente os judaizantes, os quais recebiam sua instrução religiosa, em grande parte, por meio da tradição rabínica e da memorização. Em vez de estudar diretamente as Escrituras, a maioria dos judeus, tanto líderes religiosos quanto leigos, recorria às interpretações humanas da Escritura como fonte de autoridade e orientação religiosa.

Sua teologia, seus padrões morais e suas cerimônias até tinham raízes na Palavra revelada do Antigo Testamento, mas essas verdades haviam sido tão diluídas e distorcidas pelas tradições humanas, que o judaísmo da época do Novo Testamento era, em grande medida, uma religião “recebida de homens” e “ensinada segundo a interpretação dos homens”.

“mas eu o recebi mediante revelação de Jesus Cristo.”

O evangelho que Paulo pregava não era invenção nem tradição humana, mas lhe foi dado diretamente por Deus, por meio de uma revelação de Jesus Cristo. O termo *revelação* (em grego *apokalypsis*) significa um desvelamento de algo anteriormente oculto. Aqui, “Jesus Cristo” é melhor compreendido como o próprio conteúdo dessa revelação.

Isso não significa que Paulo não tivesse conhecimento prévio sobre Jesus. Pelo contrário, ele sabia algo a respeito de Jesus e de sua obra, e foi exatamente por isso que perseguia com tanto zelo os que criam nele. Ele certamente conhecia as alegações dos cristãos sobre Jesus ser o Filho de Deus e o Messias prometido no Antigo Testamento, foram essas alegações que levaram à sua crucificação (Lucas 23.2, 35; João 5.18; 10.30).

Paulo sabia que os cristãos criam na ressurreição e ascensão de Jesus, e também que Jesus havia rejeitado tanto as tradições rabínicas quanto certas leis cerimoniais de Moisés. Antes de sua conversão, Paulo poderia relatar com exatidão muitos dos ensinamentos centrais do evangelho, mas não cria que fossem verdadeiros, e por isso não compreendia seu significado espiritual.

Foi apenas depois de seu encontro pessoal com Jesus Cristo no caminho de Damasco (At 9.1–16) que ele passou a conhecer o Senhor como Salvador e, então, recebeu a verdade sobrenatural do evangelho por revelação divina. Como explicou à igreja de Corinto, somente quando alguém se converte ao Senhor é que o “véu” da ignorância espiritual é removido (2 Co 3.14–16), permitindo a compreensão da verdade revelada.

No caso de Paulo, os detalhes e distinções dessa verdade do evangelho vieram por revelação especial, diretamente de Deus (Gl 1.16).

A revelação de Paulo foi comprovada.

É uma coisa alegar ter recebido revelação direta de Deus; outra bem diferente é provar essa alegação. Ao longo da história da igreja, muitos fizeram falsas declarações de revelações divinas, e muitos continuam fazendo isso até hoje.

Mas Paulo não apenas fez a afirmação; ele também ofereceu evidências. Ele não esperava que seus leitores acreditassem apenas com base em seu testemunho pessoal. Por isso, nos doze versículos seguintes, o apóstolo apresenta provas irrefutáveis de que sua mensagem veio de Deus e de que seu apostolado era autêntico.

1.2 Ele não pregou o Evangelho dos apóstolos de Jerusalém.

A LIÇÃO DIZ: *Que tipo de Evangelho Paulo estava ensinando e pregando? O Evangelho é um só, mas judeus e gentios tinham culturas distintas e foi necessário mostrar que da mesma forma que o Evangelho dos irmãos de Jerusalém tinha como fonte o Senhor Jesus, o dos gentios também tinha o Senhor Jesus como fonte. A mensagem de Paulo não era diferente do Evangelho dos apóstolos em Jerusalém, a base e origem da Igreja. A salvação continuava sendo pela fé em Jesus, pois o Evangelho é o “poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu, e do grego (Rm 1.16).*

A proposição deste subponto contém um erro de acentuação, carecendo de sinal de interrogação ou apresenta, simplesmente, uma estrutura mal elaborada.

Vamos entender melhor: “Ele não pregou o Evangelho dos apóstolos de Jerusalém.”

Se isso for entendido no sentido de "Paulo pregava um Evangelho diferente", então é falso. (Não é a intenção do autor, mas é isso o que texto parece comunicar).

Se for entendido no sentido de que "Paulo não aprendeu o Evangelho com os apóstolos", então é verdadeiro, conforme Gálatas 1.11–12.

Ademais, vale destacar que o público era distinto: judeus e gentios. Por essa razão, a abordagem evangelística variava conforme o contexto de cada grupo.

1.2.1 Para os judeus. Paulo, Pedro e os demais apóstolos dirigiam-se a um povo familiarizado com o Antigo Testamento, a Lei, os Profetas, o Templo e os sacrifícios. Assim, a pregação partia da premissa de que Jesus era o Messias prometido, o cumprimento das profecias veterotestamentárias. Exemplo: Em Atos 2, Pedro cita Joel e os Salmos, conectando Jesus diretamente às Escrituras judaicas.

1.2.2 Para os gentios. Os gentios, por sua vez, desconheciam a Lei de Moisés, os Profetas e os costumes religiosos dos judeus. Paulo, portanto, adaptava sua pregação utilizando argumentos naturais, morais e filosóficos, apresentando Deus como Criador, revelando a culpa universal e convocando ao arrependimento. Exemplo: Em Atos 17, ao pregar no Areópago, Paulo não cita a Lei, mas apresenta Deus como Criador e Juiz de toda a humanidade.

Eles pregavam o mesmo Evangelho, com alvos diferentes, por meios adaptados, mas com a mesma autoridade de Cristo.

1.3 O Evangelho que Paulo pregava havia sido aprovado pelos apóstolos em Jerusalém.

A LIÇÃO DIZ: *A mensagem de Paulo, como já dissemos, era a mesma dos apóstolos, mas o público era diferente. E os apóstolos de Jerusalém reconheceram o ministério de Paulo e a mensagem que ele pregava. O apóstolo comenta que “deram-nos as destras, em comunhão, comigo e com Barnabé, para que fôssemos aos gentios. e eles, à circuncisão” (Gl 2.9).*

Paulo não estava apenas em harmonia doutrinária com os apóstolos, mas também em comunhão pessoal com eles. Há um só Evangelho, e aqueles cinco homens (que escreveram 21 dos 27 livros do Novo Testamento) atestam essa verdade. “Deram a mim e a Barnabé a destra de comunhão”, diz Paulo, enquanto continua a refutar as falsas alegações dos judaizantes.

No Oriente Médio, apertar a mão direita de alguém era um voto solene de amizade e uma marca de comunhão, ou parceria. Os “colunas” de Jerusalém não apenas reconheceram Paulo como um verdadeiro pastor e mestre do Evangelho, mas também como um parceiro amado com eles no serviço de Cristo.

Suas áreas de atuação eram diferentes, Paulo e Barnabé ministravam principalmente entre os gentios, enquanto os líderes de Jerusalém atuavam principalmente entre os circuncisos. No entanto, pregavam o mesmo Evangelho e serviam ao mesmo Senhor, no poder do Seu Espírito. Esse gesto de reconhecimento e afirmação, tanto a Paulo quanto à sua mensagem, foi um golpe devastador contra os judaizantes. O apostolado de Paulo entre os gentios foi reconhecido como equivalente ao de Pedro entre os judeus.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

2. RELEMBRANDO O PASSADO

2.1 Escolhido por Deus.

A LIÇÃO DIZ: *Paulo fora escolhido, mesmo com o seu currículo questionável antes de conhecer Jesus. O que ele fazia como perseguidor da Igreja é relatado por ele mesmo quando discursa ao rei Agripa: “[...] E, havendo recebido poder dos principais dos sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e, quando os matavam, eu dava o meu voto contra eles” (At 26.10). É possível ser uma pessoa cumpridora dos seus deveres, religiosa e, mesmo assim, detestar Jesus e a sua Igreja.*

O texto bíblico diz:

Porque vocês ouviram qual foi, no passado, o meu modo de agir no judaísmo, como, de forma violenta, eu perseguia a igreja de Deus e procurava destruí-la. E, na minha nação, quanto ao judaísmo, levava vantagem sobre muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições dos meus pais. (Gl 1.13,14 NAA).

Quem era Paulo?

2.1.1 Saulo: uma fera selvagem (At 9.1; 22.20; 26.11). A expressão “respirando ainda ameaças de morte” (At 9.1) evoca a imagem de um animal feroz arfando em fúria. Saulo perseguia os discípulos de Cristo com a fúria de uma besta selvagem em busca de sua presa. Na percepção dos crentes de Damasco, ele era um destruidor implacável. Perguntavam: “Não é este o que exterminava em Jerusalém os que invocavam este nome?” (At 9.21). Em Atos 8.3, lemos que “Saulo assolava a Igreja”. O termo “assolar” aqui pode sugerir a devastação violenta causada por uma fera dilacerando o corpo de sua vítima.

2.1.2 Saulo: um caçador implacável (At 9.2; 22.3; 26.9). Saulo não se contentou em perseguir os cristãos apenas em Jerusalém. Ele expandiu sua perseguição a outras regiões, indo até mesmo a cidades estrangeiras (At 26.11). Seu zelo cego o conduziu a extremos. Ele mesmo confessa: “A mim, que

outrora fui blasfemo, perseguidor e insolente” (1 Tm 1.13). Como um caçador decidido, buscava com afinco aqueles que professavam o nome de Jesus, a fim de capturá-los e silenciá-los.

2.1.3 Saulo: um torturador desumano (At 26.11). O ódio de Saulo contra Cristo e os cristãos era tão profundo que ele não se satisfazia em prendê-los. Além de encarcerá-los, os castigava procurando forçá-los a blasfemar contra o nome de Jesus (At 26.11). O texto sugere que essas blasfêmias eram extraídas sob tortura, pois ninguém negaria voluntariamente sua fé sem sofrimento extremo.

2.1.4 Saulo: um assassino sem compaixão (At 9.21; 26.10). Antes de sua conversão, Saulo era cúmplice direto na condenação de cristãos à morte. Ele mesmo declara: “Eu também estava persuadido de que contra o nome de Jesus, o Nazareno, devia eu praticar muitos atos. E assim procedi em Jerusalém. Havendo recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões. E, quando os matavam, eu dava o meu voto contra eles” (At 26.9–10). Esse testemunho revela não apenas sua aprovação à morte dos santos, mas sua ativa participação nas ações que levaram ao martírio de muitos.

Surpreso? Imagine quando Ananias ouviu essas palavras vindas do próprio Deus: “Mas o Senhor disse a Ananias: — Vá, porque este é para mim um instrumento escolhido para levar o meu nome diante dos gentios e reis, bem como diante dos filhos de Israel. Pois eu mesmo vou mostrar a ele quanto deve sofrer pelo meu nome.” (At 9.15,16 NAA). Deus continua escolhendo e chamando os improváveis.

2.2 Dias em Jerusalém.

A LIÇÃO DIZ: *Paulo menciona que esteve 15 dias em Jerusalém, e nesses dias, esteve com Pedro e Tiago. Não nos é dito muito acerca desse tempo, mas a menção dos nomes de Pedro e Tiago é importante, por serem colunas da Igreja (Gl 2.9).*

Mais uma vez, Paulo faz referência à reputação de Tiago, Cefas (Pedro) e João, os que eram considerados colunas, um termo de origem judaica utilizado para designar grandes mestres. Como já mencionado, o tom levemente sarcástico adotado por Paulo não se dirige contra esses homens, mas contra os judaizantes.

Esses falsos mestres aparentemente utilizavam o termo “colunas” com a intenção de exaltar o papel desses líderes no estabelecimento e sustentação da Igreja, visando contrastá-los com Paulo. No entanto, o apóstolo toma a mesma expressão e a devolve de forma crítica, mostrando tanto aos judaizantes quanto aos crentes da Galácia que ele estava em plena concordância doutrinária com esses três pilares da Igreja, assim como com os demais apóstolos e anciãos em Jerusalém.

Duas coisas podem ser destacadas aqui:

2.1.1 Provavelmente, quando está carta circular estava sendo lida nas igrejas da Galácia, muitos judaizantes estavam presentes. Paulo queria constrange-los e desmoraliza-los.

2.1.2 Em segundo lugar, nota-se que o apóstolo desfaz o argumento dos judaizantes. O argumento ad hominem é uma falácia que consiste em atacar a pessoa em vez de responder ao conteúdo da sua mensagem. Os judaizantes utilizavam essa falácia contra Paulo ao atacar sua autoridade apostólica, insinuando que ele não era um verdadeiro apóstolo como os de Jerusalém; assim, desacreditando o mensageiro, tentavam invalidar o Evangelho que ele pregava.

2.3 Pedro e Tiago.

A LIÇÃO DIZ: *Como vimos, Paulo faz menção de Pedro e Tiago, homens de Deus que lideravam a igreja em Jerusalém. Essa menção fez com que os gálatas fossem informados de que o apóstolo conhecia os ministros de Jerusalém, e que os respeitava.*

Paulo menciona Pedro e Tiago não para se apoiar na autoridade deles, mas para mostrar que havia reconhecimento mútuo entre apóstolos verdadeiros, ele os respeitava, mas não dependia deles para validar sua mensagem.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

3. A DIFERENÇA DE UMA VIDA TRANSFORMADA

3.1 Paulo, desconhecido na Judeia.

A LIÇÃO DIZ: *Em sua defesa, o apóstolo comenta que não era “conhecido de vista das igrejas da Judéia”. Diferente do que temos em nossos dias, onde as redes sociais costumam expor as fotos dos donos de perfis tornando-o conhecido, no primeiro século uma pessoa só seria conhecida se aparecesse presencialmente em um lugar, se fosse uma figura pública ou se já fosse conhecida anteriormente. Apesar de não ter seu rosto manifesto, Paulo sabia que a sua fama de perseguidor chegaria a vários lugares, inclusive na Judeia.*

A expressão grega traduzida por “não era conhecido de vista” é *prosōpō tōn ekklesiōn tēs Ioudaias ouk ēmēn gnōrizomenos*, que literalmente significa “não era reconhecido pessoalmente pelas igrejas da Judeia”.

Isso mostra que, embora as comunidades cristãs já tivessem ouvido falar da conversão de Paulo, elas não o conheciam pessoalmente, não tinham contato visual nem convivência direta com ele.

Esse detalhe é importante porque reforça o argumento de Paulo em Gálatas 1: ele não aprendeu o Evangelho com homens, nem o recebeu por meio da igreja de Jerusalém ou das igrejas da Judeia. Ele era um desconhecido em pessoa, mas um conhecido em reputação, e essa reputação mudou radicalmente por causa da graça de Deus.

3.2 Uma vida transformada.

A LIÇÃO DIZ: *Que poder é capaz de transformar a vida de uma pessoa?*

Só o Evangelho de Cristo tem poder para transformar um inimigo de Deus em um instrumento da Sua glória.

A transformação que Paulo experimentou, passando de perseguidor da Igreja a apóstolo da graça, não foi resultado da psicanálise, da psicologia, da filosofia ou de qualquer ciência humana. Nenhum método terapêutico, por mais eficaz que seja em suas abordagens clínicas, pode tirar alguém da condição de inimigo de Deus e torná-lo um salvo em Jesus.

A psicanálise pode ajudar a lidar com traumas. A psicologia pode oferecer ferramentas para organizar pensamentos e melhorar relacionamentos. As ciências podem prolongar a vida, aliviar dores e desenvolver o intelecto. No entanto, nenhuma dessas coisas pode regenerar o coração humano, perdoar pecados ou reconciliar uma pessoa com Deus.

Paulo foi transformado não por esforço próprio ou disciplina moral, mas pela revelação de Jesus Cristo. Foi a graça soberana de Deus que o alcançou, chamou e comissionou. Essa mesma graça continua hoje chamando pecadores.

3.3 O que as pessoas dizem acerca de você?

A LIÇÃO DIZ: *Paulo diz que os irmãos da Judéia glorificavam a Deus pela vida dele. Em que aspecto residia a alegria daqueles irmãos? No fato de que a fé em Jesus Cristo havia alcançado o coração do perseguidor, e que ele estava anunciando a fé.*

A forma verbal usada aqui (*edoxazon ton Theon en emoi*) indica uma ação contínua: “continuavam glorificando a Deus por minha causa”. Isso mostra que, apesar de Paulo ainda ser relativamente desconhecido pessoalmente nas igrejas da Judeia (v.22), o testemunho da transformação de sua vida e da eficácia de sua pregação já era notório.

As igrejas não o glorificavam como homem, mas glorificavam a Deus por causa daquilo que Ele fez na vida de Paulo. A mudança radical, de perseguidor a pregador, era tão evidente, tão sobrenatural, que o único mérito possível era atribuído ao próprio Deus.

Você entendeu? Vamos aplicar?

Não é sobre sermos vistos, aplaudidos ou lembrados é sobre Deus ser glorificado por meio do que fazemos em nome de Cristo.

O maior elogio que um crente pode receber é este: “Glorificamos a Deus por tua causa”.

O que as pessoas dizem de você?

CONCLUSÃO

Ao concluir o primeiro capítulo de sua carta, Paulo deixa claro que sua autoridade apostólica e a mensagem que pregava não tinham origem humana, mas procediam diretamente de Deus por revelação de Jesus Cristo. Seu testemunho não é uma tentativa de autopromoção, mas uma defesa da pureza do Evangelho e da legitimidade do seu ministério entre os gentios. Ao narrar sua conversão e chamado, Paulo mostra que a transformação operada em sua vida é obra exclusiva da graça divina. Ele, que outrora perseguia com fúria a Igreja, agora prega a fé que antes tentava destruir. E a resposta das igrejas da Judeia resume o impacto dessa obra: “glorificavam a Deus por minha causa” (Gl 1.24). Esta é a evidência final que Paulo apresenta: sua vida, doutrina e frutos glorificavam a

Deus. Portanto, o Evangelho que ele anunciava era o verdadeiro, e sua missão, autenticamente apostólica. Essa é a força conclusiva do seu argumento.

ABRA A JAULA – PB. MURILO ALENCAR

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRUCE, F. F. **Gálatas: comentário exegético**. São Paulo: Vida Nova, 2024.

GUTHRIE, Donald. **Gálatas: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HARLEY, Henry H. **Manual Bíblico de Halley**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

WIERSBE, Warren. **Comentário do Novo Testamento**. Santo André: Geográfica, 2017.

KEENER, C. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia — Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LOPES, Hernandes Dias. **Gálatas: A Carta da Liberdade Cristã**. São Paulo, SP: Hagnos, 2011.